ARTIMANHAS DO ACASO

MARIZA G. S. PEIRANO
Universidade de Brasília

I

> I am well aware that memoirs edit the facts, by censoring, adding to them, and above all by trying to make them consistent. I shall resist these tendencies but shall not fully succeed.
>
> George Homans

Há onze anos atrás, ao fazer uma série de entrevistas com cientistas sociais, observei um fenômeno curioso. Meu objetivo na época era esclarecer aspectos que haviam ficado nebulosos para mim, mesmo depois de haver lido as obras e estudado as carreiras intelectuais destes autores, a quem considerava fundamentais para a compreensão do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. A maioria deles havia nascido na década de 20 e estava, portanto, entre seus cinqüenta e sessenta anos de idade. Entre eles estavam Florestan Fernandes, Antonio Candido, Darcy Ribeiro e, o caçula, Roberto Cardoso de Oliveira. Nestas entrevistas, cujas duração foi de aproximadamente duas horas para cada autor, surpreendi-me ao ouvir com freqüência a expressão "Foi por acaso" ou "tratou-se de um fenômeno ocasional" para explicar a mudança de rumo em determinado momento de suas carreiras. Todos lançaram mão do acaso nas conversas que mantivemos.

A minha surpresa tinha uma razão. Treinada em sociologia, eu partia do pressuposto corriqueiro de que cada pessoa adere a uma certa visão de mundo, mesmo que ela não seja explícita. Como se tratava de cientistas sociais, imaginava que o meu trabalho etnográfico seria facilitado pelos meus informantes de então. Minha suposição era de que eles provavelmente

Anuário Antropológico/89
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992

já teriam explícito o que o antropólogo geralmente constrói a partir das formulações vagas, muitas vezes confusas ou implícitas do que ouve durante a pesquisa de campo.

Não errei totalmente. Todos os entrevistados já tinham um discurso elaborado para contar a sua trajetória intelectual. No entanto, em determinados momentos críticos, face talvez a uma pergunta inesperada, a resposta era: "Ah, foi por acaso". Assim, foi "por acaso" que Florestan Fernandes decidiu estudar os Tupinambá — porque havia feito um curso com Baldus e precisava escrever um trabalho final para que recebesse uma menção e, assim, seguiu a sugestão do "mestre-camarada" que era Baldus e dedicou-se à análise do material de Gabriel Soares tendo, mais tarde, expandido este início nos livros e artigos sobre os Tupinambá. Também foi "por acaso" que, anos depois, mudou de tema e passou do estudo antropológico de grupos indígenas para o tema das relações raciais entre negros e brancos. Havia, sim, a ambição consciente de criar um grupo e uma problemática nova. Mas o fato de ter sido a pesquisa sobre relações raciais que serviu de espinha dorsal do projeto "foi ocasional", já que na época Florestan se dedicava ao estudo da aculturação dos sírios-libaneses. Foi então que, "por acaso", havendo Alfred Métraux chegado ao Brasil com um projeto sobre relações raciais financiado pela Unesco, este procurou Roger Bastide que, por sua vez, chamou Florestan, e este se negou a participar do projeto. Esta decisão durou até o dia em que Bastide, depois de conversar longamente com Florestan, já saindo da sala, deu meia volta e com o rosto na porta entreaberta, disse: "Professor, eu colho todos os dados para o senhor, o senhor só interpreta; o senhor aceita trabalhar comigo?", pergunta que, vinda do antigo mestre e colocada desta forma, encheu de lágrimas os olhos de Florestan e produziu o "sim" esperado. (E desta forma teve início muito do nosso estilo de fazer sociologia).

Mas não foi apenas Florestan o favorecido pelo acaso. Também Darcy Ribeiro diz que passou a se interessar por temáticas nacionais em razão de um fato acidental: quando estava na Escola de Sociologia e Política recebeu uma bolsa de estudos para realizar um fichário sobre a bibliografia brasileira de interesse antropológico e sociológico. As fichas haviam sido encomendadas por Donald Pierson mas, curioso que era, Darcy não só fichou os títulos das obras como leu os romances que deveria apenas catalogar: leu Euclides da Cunha, Silvio Romero, os ensaístas e, por haver lido este tipo de bibliografia naquele momento da sua formação, sente que se fez herdeiro deste

pensamento. Segundo o depoimento de Darcy, foi por este "acaso" que evitou dois perigos que ele costuma citar: um, aquele que ronda os acadêmicos brasileiros em geral, de se tornarem "cavalos-de-santo" de intelectuais estrangeiros; o outro, o de se transformar num "comunista ruminante", leitor de Althusser ou de qualquer outro intelectual francês e nunca conseguir tomar decisões pragmáticas.

Já Roberto Cardoso de Oliveira foi beneficiado pelo acaso através de um encontro. No final de 1953, Darcy Ribeiro realizou uma conferência na Biblioteca Municipal em São Paulo e, como procurava então um assistente para um curso a ser oferecido no Museu do Índio, diz que encontrou em Roberto, apresentado por um amigo comum, o único capaz e inteligente para o cargo. Roberto relutou, considerou que sua formação era em filosofia e sociologia, mas não convenceu Darcy, que argumentava que se Lévi-Strauss havia aprendido etnologia depois de formado, por que não ele? Então, devido a este início "puramente acidental", de um encontro na Biblioteca Municipal, Roberto Cardoso de Oliveira fez a transição da sociologia para a antropologia, aprendendo com Darcy a lição do indigenismo e conservando de Florestan a ambição teórica. Nasceu, daí, a antropologia de cunho sociológico que tem no conceito de "fricção interétnica" a evidência de que Roberto Cardoso criou uma "eva" tirada da costela da sociologia uspiana.

Finalmente, a entrevista de Antonio Candido. Aqui surge uma diferença marcante, já que este foi o depoimento mais comedido e menos improvisado, apesar dos toques de um bom humor requintado. O depoimento de Antonio Candido enfatizou principalmente os aspectos sociológicos na compreensão da sua trajetória: ele falou de sua geração, dos ensinamentos que os alunos receberam, das orientações teóricas da época. No momento em que as trajetórias tomam rumo específico, Antonio Candido explica as diferenças incluindo traços de personalidade: assim, tomando Florestan Fernandes como contraponto, Antonio Candido diz que seu amigo era muito crente; ele próprio, muito cético; Florestan acreditava na possibilidade de soluções revolucionárias; ele próprio era mais a favor das transformações graduais. Mas o encontro com Florestan foi posterior a um evento "puramente circunstancial" e que mostra que "o homem põe e Deus dispõe", nas palavras do próprio Antonio Candido: ele só foi estudar em São Paulo porque seu pai decidiu morar em Poços de Caldas depois de reorganizar a Estância Termal de lá e não se readaptar novamente ao Rio de Janeiro. Como o trajeto para São Paulo era menos demorado que para o Rio,

Antonio Candido se formou em São Paulo. No Rio, as coordenadas geracionais e as matrizes de pensamento teriam naturalmente sido diferentes.

Os meus informantes de 1978 estão em boa companhia. Quando fez 81 anos de idade, George Homans reconheceu na busca da consistência um dos maiores perigos que a memória induz. Talvez por esta razão ele iniciou o seu artigo autobiográfico de forma cautelosa, revelando que, formando em literatura inglesa, tornou-se um sociólogo *through almost pure chance*.

Procurando também evitar a lógica paralisante, inicio esta breve reflexão observando como o tema do acaso está presente no nosso dia-a-dia; procuro depois desvendar fontes alternativas de explicação para, finalmente, voltar ao terreno seguro da tradição antropológica.

II

> Só o acaso pode ser interpretado como uma mensagem. Aquilo que acontece por necessidade, aquilo que é esperado e que se repete todos os dias, não é senão uma coisa muda. Somente o acaso tem voz.
>
> Milan Kundera

Parece que nesta última década o acaso se tornou um tema de questionamento que invadiu o nosso cotidiano intelectualizado de sociedade urbana ocidental, apesar (ou por causa) de todos os postulados cientificistas que nos rondam: a crença na previsibilidade, a idéia de progresso e de desenvolvimento, os milagres da ciência.

Uns poucos exemplos dão a dimensão deste questionamento: Tomas, o herói de Milan Kundera, um dia descobre, para sua surpresa, que o seu relacionamento com Tereza, a jovem protagonista do livro, era fruto de *seis* acasos, que ele lista cuidadosamente e procura entender: um ataque de meningite, uma ciática do médico-chefe, o hotel onde se hospedou, o restaurante do hotel onde Tereza trabalhava, um momento de folga e a mesa que Tereza atendia. Para Tereza, os acasos foram *quatro*: o conhaque que Tomas pediu, o livro que estava lendo, a música de Beethoven e o banco amarelo da praça onde Tomas a esperou. Estes acasos, que Jung teria chamado de sincronicidade, definem o tema do livro de Kundera sob o pano de fundo da Primavera de Praga. (Junto a este livro recente, a tematização do acaso ainda

tem o seu exemplo arquetípico em Garcia Marquez, cujos personagens de sua obra conhecida tentam interceptar os eventos, mas não conseguem produzir a coincidência que evitaria a morte anunciada.)

O mesmo tema invade hoje as telas de cinema: para Steve Spielberg, a imaginação nos permite viajar no tempo tendo a ciência como aliada. Contudo, estas viagens são perigosas: um ato do jovem Marty no passado poderá mudar toda sua vida futura e, inclusive, ao impedir o encontro dos pais, ameaçar o seu próprio nascimento. No segundo filme da série "De Volta para o Futuro", Spielberg é ainda mais ousado e mostra a possibilidade de mais de um presente, resultado de opções/acasos diversos em um determinado momento. A tarefa de "Doc" Spielberg é voltar então no tempo para consertar no passado o evento que produziu o presente indesejável. Francis Coppola realiza também uma volta ao passado mas, de maneira diferente do mundo de Spielberg, o futuro já está escrito e é imutável: embora Peggy Sue volte ao passado, ela não pode alterá-lo. Um outro exemplo é "Field of Dreams", no qual Alden Robinson, resolve o passado no presente de um campo de beisebol, onde os antigos ídolos do esporte voltam para se rever, acertar contas e realizar sonhos — deles e de outros —, numa ciranda de diferentes tempos e variados personagens.

Refratários às orientações religiosas, o acaso parece então se contrapor, na nossa experiência, à qualquer explicação globalizante. O hinduísmo, por exemplo, não estimula a alteração da trajetória individual porque o *karma* — a série de eventos pré-ordenados que resultam de ações em vidas anteriores — só é mutável por graça divina. Já no ocidente, existe esta tensão entre forças externas como os deuses, a fortuna e a vontade de Deus, de um lado, e, de outro, a crença na possibilidade da escolha, da opção e da vontade individual. (É para esclarecer esta tensão que Gilberto Velho sugere que se examine a noção de *destino* desde a Grécia Antiga.) Neste contexto é curioso notar que as explicações sociológicas tradicionais ficariam no primeiro pólo, aquele mais determinista. Contudo, segundo os informantes, não foi porque havia uma tendência histórica para que as ciências sociais no Brasil passassem a questionar determinados temas na década de 50 e 60 que Florestan decidiu estudar os Tupinambá, mas foi "por acaso" que deixou de lado os Tupinambá para se dedicar às relações raciais; foi "por acaso" que Darcy foi contratado pelo SPI depois de ter-se familiarizado com a literatura brasileira, e também foi "por acaso" que Roberto Cardoso terminou por combinar as orientações teóricas da sociologia hegemônica de então com o

indigenismo de Darcy para estabelecer as bases de uma antropologia do contato interétnico. Ao buscar a explicação no acaso, nossos cientistas evitaram tanto a idéia de um destino preestabelecido quanto o seu oposto, isto é, a ênfase na vontade individual. Parece mesmo que optaram mais pela indeterminação do que pela certeza, deixando lugar para uma (talvez aparente) negligência da vontade. Mas voltarei ao assunto.

III

> In contrast [to "determinism"], when the indeterminacy, the "freedom" of the individual is stressed, it is usually forgotten that there are always simultaneously many mutually dependent individuals. ... More subtle tools of thought than the usual antithesis of "determinism" and "freedom" are needed if such problems are to be solved.
>
> Norbert Elias

Também as disciplinas acadêmicas foram invadidas pela temática da indeterminação. Norbert Elias pede que se procurem instrumentos mais sutis para superar a antítese entre determinismo e liberdade. Outras dicotomias, como indivíduo e sociedade, hoje também nos perturbam; parece que estamos todos empenhados em atingir o que Luiz Fernando Duarte apropriadamente designou, em artigo recente, como "o resíduo e limite inquietante do nosso saber". Pois se até as descobertas de Newton podem ser focalizadas à luz da teoria psicanalítica da transferência, um enorme e vasto campo se abre à investigação a respeito do tema da criatividade. Esta foi a proposta de Bryan Bird, que atribui as descobertas newtonianas à repetição de sentimentos, reações e eventos passados no contexto no qual se encontrou aos 23 anos de idade: afastado de colegas e convivendo apenas com a mãe, devido à praga de 1665, Newton dominou em pouco mais de um ano as leis básicas da mecânica, descobriu a lei fundamental da atração gravitacional, inventou os métodos do cálculo infinitesimal e avançou nas descobertas óticas que desenvolveria mais tarde. Se a transferência é então uma função mental universal e altamente criativa em determinadas situações, pode-se especular que uma análise psicológica produziria explicações alternativas para os eventos descritos como ocasionais por nossos cientistas onde, certamente, não faltariam interpretações para as relações entre Bastide e Florestan, Darcy e

Pierson, Roberto e Darcy ou Florestan e Antonio Candido. (Mas como me falta talento e competência, resistirei à tentação).

Mas se a indeterminação é a preocupação da nossa época, da literatura fica o exemplo paradigmático de Virginia Woolf na utilização do texto para domesticar o passado e dele ter controle. Com o mesmo "material etnográfico", Virginia Woolf exercitou vários gêneros, como seus longos diários, os *sketches of the past* e os romances, onde talvez o exemplo mais contundente seja a descrição das conseqüências da morte da mãe quando a autora tinha 13 anos. Nos diários e nos *sketches*, a mãe é Julia Stephen, casada pela segunda vez com o pai também viúvo; já em *To the Lighthouse*, a mãe é vivida pela personagem Mrs Ramsay, cuja morte é comunicada ao leitor através de um artifício literário, tão mais poderoso quanto aparentemente singelo: o leitor toma conhecimento do evento em duas frases entre colchetes, deixando-o perplexo e obrigando-o a retornar ao texto várias vezes para se certificar do ocorrido — assim como, provavelmente, o fez a autora no texto e na vida.

Os autores entrevistados não se utilizaram de autobiografias para controlar o passado: Florestan é o que mais se aproximou do gênero e Darcy aquele que romanceou a sua experiência de etnógrafo em *Maíra*. Mas o *ethos* acadêmico brasileiro talvez fique mais transparente se lembrarmos que Simon Schwartzman nunca publicou em português o interessante ensaio autobiográfico que é "Intelectual Life in the Periphery: a Personal Tale", onde o acaso também está presente na decisão do seu avô de vir da Bessarábia para o Rio de Janeiro, e do Rio para Belo Horizonte, ao invés de tomar o rumo direto de Nova York, alternativa que, como notou brincando um colega de Berkeley, teria evitado vários problemas na carreira intelectual do autor. De qualquer forma, ao mencionar os acasos, é preciso ter em mente que os cientistas entrevistados não contaram com a tranqüilidade essencial para uma introspecção cuidadosa: na frente deles estava um gravador ligado e uma estudante ansiosa por não perder um momento sequer da oportunidade que lhe era oferecida. A conclusão é que o "acaso" não foi utilizado com a mesma intenção de George Homans — a de evitar a armadilha da consistência lógica —, mas devido à espontaneidade do momento, ao espírito generoso e à disposição para colaborar com uma iniciante.

IV

> Azande always say of witchcraft that it is the *umbaga* or second spear. When Azande kill game there is a division of meat between the man who first speared the animal and the man who plunged a second spear into it. These two are considered to have killed the beast (...) Hence if a man is killed by an elephant Azande say that the elephant is the first spear and that witchcraft is the second spear and that together they killed the man. If a man spears another in war the slayer is the first spear and witchcraft is the second spear and together they killed him.
>
> E. E. Evans-Pritchard

Os Azande explicam as coincidências indesejáveis de maneira rápida dizendo que se trata de bruxaria. A bruxaria não explica todos os infortúnios mas, em condições particulares, a bruxaria é um dos tipos de explicação invocada, dentro do princípio de uma cadeia de causalidade. Os exemplos clássicos são o do rapaz que tropeçou em um toco de árvore e o corte infeccionou — como os Azande costumeiramente tropeçam em tocos de árvores no meio do caminho, esta infecção particular foi atribuída à bruxaria. Outro exemplo tradicional da etnografia Zande é o do desabamento do celeiro comido por cupins no exato momento em que um grupo de pessoas nele buscara refúgio para o calor do meio do dia. Por que o celeiro ruiu exatamente naquele momento e por que sobre aquele específico grupo de pessoas? Estas coincidências espaço-temporais são, para os Azande, ligadas pelo elo da bruxaria que, como enfatiza Evans-Pritchard, não contradiz o conhecimento empírico de causa e efeito mas atua, como nas caçadas, como a "segunda lança" que efetivamente mata o animal.

Em certo sentido, então, a bruxaria tem afinidades com o nosso "acaso", se aceitamos a definição popular divulgada pelo dicionário Aurélio, que o descreve como "o conjunto de pequenas causas independentes entre si, que se prendem a leis ignoradas ou mal conhecidas, e que determinam um acontecimento qualquer". Assim como os Azande não sabiam a razão da coincidência entre o desabamento do celeiro e aquelas pessoas ali na sombra, também nossos autores desconheciam porque num determinado dia em 1953 Roberto Cardoso de Oliveira tinha ido assistir a uma palestra na Biblioteca Municipal de São Paulo depois da qual, por coincidência, foi apresentado ao conferencista Darcy Ribeiro, ou porque Métraux veio ao Brasil trazendo o projeto da Unesco quando Florestan se dedicava ao estudo dos sírios-libaneses.

Há três diferenças a notar, entretanto. A primeira é que a *bruxaria* é acionada como explicação para um infortúnio; no *acaso*, ele explica um fenômeno auspicioso. Segundo, bruxaria é explicação causal e o acaso se liga à indeterminação. Terceiro, a bruxaria é uma causa socialmente relevante porque o prejudicado procura, através da consulta aos oráculos, determinar quem fez bruxaria contra ele, podendo assim pedir reparação. Já no acaso, não há intervenção humana, mas trata-se de "leis ignoradas ou mal conhecidas" que determinam um acontecimento. Na bruxaria ou no acaso, no entanto, a explicação é *a posteriori* e em ambos ela se refere a fenômenos pontuais no tempo e no espaço.

Apesar desta característica de fenômeno individual e particular (as situações em que a bruxaria e o acaso podem atuar são infinitos) os dois tipos de explicação são reconhecidos socialmente como causas legítimas para determinados eventos. Em outras palavras, não foi "por acaso" que todos os autores entrevistados falaram do acaso, mas porque esta é uma explicação socialmente aceita entre nós tanto quanto a bruxaria o é para os Azande.

E é assim, por esta via maussiana do reconhecimento da legitimidade social, que voltamos ao terreno seguro da tradição antropológica para lembrar que, pelo menos desde Malinowski, os etnólogos procuraram explicar a vida mental dos nativos como que incluindo tanto a compreensão racional e empírica dos fenômenos quanto o controle dos imprevistos, do inesperado e do racionalmente incontrolável. Os exemplos clássicos são a magia antecipatória dos trobriandeses e a bruxaria retrospectiva dos Azande: no primeiro caso, a magia procura impedir que o conhecimento sistemático seja perturbado por eventos inesperados — uma canoa tecnicamente bem construída não está livre das ondas poderosas e imprevistas —; no segundo caso, a bruxaria é explicação para o fato de que, apesar da competência, um bom oleiro molda no barro algumas peças que racham. Sem negar as importantes contribuições de áreas como a psicanálise e a literatura, é fundamental reconhecer na tradição disciplinar a espinha dorsal que poderá incluir novos conhecimentos.

Pode-se argumentar, no entanto, que a distinção que Malinowski e Evans-Pritchard fizeram entre o controle pelo conhecimento e o controle pela magia ou entre a racionalidade do pensamento empírico e a filosofia natural da bruxaria não passam de mais algumas dicotomias que, no afã de mostrar que a mentalidade primitiva era lógica e inquisitiva dentro das pre-

missas da sua própria cultura, nada mais fizeram que reproduzir a mentalidade européia vigente na época. Mas, neste caso, basta incluir o belo e comovente estudo sobre os Baktaman para mostrar que os antropólogos às vezes chegam mais perto do *ponto de vista nativo*: neste trabalho de 1975, Fredrik Barth mostra que os sete longos e penosos estágios de iniciação deste grupo da Nova Guiné resultam na compreensão final de que o conhecimento é apenas uma zona de claridade limitada num universo denso, escuro e incerto — exatamente como uma pequena clareira iluminada e cheia de vida no meio de uma floresta fechada.

Mas há outro aspecto da questão. É que os antropólogos, tão ciosos no trato da mentalidade alheia, nem sempre conseguiram realizar a promessa da disciplina de refletir este conhecimento adquirido sobre a sua própria sociedade (e, eventualmente, sobre si mesmos). Invocar o acaso significa então incluir a nossa versão da bruxaria Zande e matizar a visão de mundo ocidental clássica presa na tensão entre um destino preestabelecido e a vontade individual. Em outras palavras, assim como para os Azande a bruxaria é vivida mas não declarada formalmente como doutrina, também as explicações teóricas que um dia deram conta da integração do negro na sociedade de classes, da dialética da fricção interétnica, do gosto artístico pela arte plumária, etc. não foram de muita valia para explicar as trajetórias dos autores entrevistados. Estas trajetórias não foram percebidas como totalidades significativas, mas como seqüências pontuadas de eventos especiais — os acasos. Vistos sob o pano de fundo da bruxaria Zande, então, estes acasos estão mais próximos do que Ricoeur chamou de "eventos fundadores", acasos que direcionaram os autores entrevistados no sentido de suas vocações ou, quem sabe, como aqueles momentos privilegiados onde uma verdade transcendente é percebida num flash de intuição — momentos estes que Virginia Woolf denominou de *moments of being*.

Perceber o acaso desta maneira, é preciso enfatizar, não invalida explicações sociológicas mais globalizantes, psicológicas ou estilísticas, mas acrescenta uma nova dimensão a elas. Finalizo com duas observações rápidas decorrentes desta transformação dos autores em nativos: a primeira diz respeito à relação entre o acaso e a vocação que, à primeira vista, podem parecer contraditórios: a vocação diz respeito a uma predisposição intelectual e o acaso é o inesperado. Como imaginar que o acaso possa guiar a vocação?

Weber, no entanto, corrobora os entrevistados quando defende a especialização rigorosa como a via da plena consciência científica e, ao mesmo tempo, constata que, em nenhuma outra carreira como a sociologia, o acaso desempenha um papel tão importante. É ele próprio quem confessa: "Posso dizê-lo ainda mais porque pessoalmente, devo a simples acidentes o fato de ter sido nomeado, ainda muito jovem, professor catedrático da disciplina na qual os homens de minha geração sem dúvida haviam realizado mais do que eu". Considerando-se a autoridade inquestionável do autor, ficamos a nos perguntar se Weber fala como nativo ou sociólogo privilegiado, especialmente se contrastamos a nomeação precoce de Weber com a demora com que Freud conseguiu a sua: somente com 45 anos de idade Freud reconheceu que a originalidade e o mérito não eram suficientes para promovê-lo a catedrático e decidiu-se, numa postura que exemplifica o "anti-acaso", lançar mão das relações pessoais e das influências necessárias.

O segundo ponto decorre destas preocupações que podemos chamar de "éticas": ao invocar o acaso, os meus entrevistados e também Weber negaram implicitamente que eles próprios ou qualquer instância externa tivessem a responsabilidade pelos eventos ocorridos. (Novamente, Freud é a exceção). O acaso assim concebido implica numa espécie de "negligência" da vontade individual e pode representar, quem sabe, um *ethos* de humildade intelectual e pessoal cuja quebra indicaria uma vaidade socialmente indesejável. Aqui, basta imaginar que, dada a disposição de Florestan Fernandes de construir um grupo coeso, uma "escola", outro tema que não o das relações raciais poderia ter servido aos mesmos propósitos; ou que Roberto Cardoso de Oliveira, não tendo encontrado Darcy Ribeiro, teria criado outra "eva" que não a antropologia da fricção interétnica. Na versão nativa, então, os imprevistos viram acasos tão poderosos que podem indicar que deles dependeu o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, interpretação que naturalmente nenhum dos entrevistados aceitaria. Mais adequado, então, talvez seja ver nos acasos o resíduo permissível de "irracionalidade" do nosso mundo acadêmico; ou, em outras palavras, os "imponderáveis da vida real" que não invalidam mas, ao contrário, enriquecem e dão aquela dimensão humana essencial à compreensão dos fenômenos sociológicos.

* * *

> **I read your thesis proposal. (...) But I must say I do not approve of excessive use of dualism in intellectual expositions: internalism/externalism, flip/flop, tic/toc. It makes things seem too simple, too facile. Reality to me seems all shades of murky grey; people don't do the opposite to what they did just because they were caught on their other foot, swinging this way. Only the most improbable chain of accidents can explain why I am here in Brasil, now.**
>
> **I agree that it is our job as anthropologists or historians etc to try and hack some form out of the morass of events, trace some logic, discover patterns. But I don't see that we can really rely on too many of them at once, as *givens*, without leading to the most precarious of arguments. [Binary Bubbles].**

O autor destas reflexões é Peter Silverwood-Cope (1945-1989), que inspirou muitos de seus alunos com a sua recusa de separar a sua visão da antropologia — na qual a realidade era repleta de muitas tonalidades de "*murky grey*" — da própria experiência de vida. Este trecho é de uma carta de 1979, datada de 14 de agosto. Aproveito para aqui, a propósito do tema do acaso, dedicar este "Artimanhas" à sua memória.

COMENTÁRIOS BIBLIOGRÁFICOS

I

A citação de George Homans foi retirada de "Steps to a Theory of Social Behavior. An Autobiographical Account", publicado em 1983 em *Theory and Society*, vol. 12, nº 1, p. 1-45. As entrevistas com Antonio Candido, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira foram realizadas em novembro/dezembro de 1978, com o objetivo de fundamentar a argumentação da minha tese de doutorado, "The Anthropology of Anthropology: the Brazilian Case" (Harvard, 1981).

II

A citação de Milan Kundera é de *A Insustentável Leveza do Ser*, publicado no Rio de Janeiro pela Editora Nova Fronteira na sua 52ª edição, de 1985, p. 54-5. Uma visão antropológica da noção de *karma* está em T. N. Madan, *Non-Renunciation: Themes and Interpretations of Hindu Culture*, publicado pela Oxford University Press, Delhi, 1987. As reflexões de

Gilberto Velho sobre a noção de destino estão em "Destino; campo de possibilidades e províncias de significado", Comunicação nº 16 do Museu Nacional, 1989. A menção a Garcia Marquez refere-se a *Crônica da Morte Anunciada.*

III

A citação de Norbert Elias provém de "The problem of the "inevitability" of social development", último capítulo de *What is Sociology?*, coletânea de artigos do autor, publicada em Londres pela Hutchinson & Co. A citação está na página 167. Luiz Fernando Dias Duarte fala sobre Freud e a imaginação sociológica moderna em *Freud. 50 anos Depois*, livro organizado por Joel Birman, Rio de Janeiro, ed. Dumará. A citação está na página 206. A criatividade do processo de transferência é discutido por Bryan Bird em "Notes on transference: universal phenomenon and hardest part of analysis", publicado em 1972 no *Journal of the American Psychoanalytic Association*, vol. 20, nº 2, p. 267-301. Virginia Woolf fala sobre a morte da mãe em "Sketches of the Past", memória publicada em *Moments of Being*, livro da autora editado por Jeanne Schulkind, Londres, Grafton, 1978. A mesma editora publicou *To the Lighthouse*, no qual a morte ficcional de Mrs Ramsay/Julia Stephen é descrita na página 120 da edição de 1986: "[Mr Ramsay stumbling along a passage stretched his arms out one dark morning, but, Mrs Ramsay having died rather suddenly the night before, he stretched his arms out. They remained empty.]" Florestan Fernandes faz observações biográficas em *A Sociologia do Brasil* (Vozes, 1977) e em *A Condição de Sociólogo* (Hucitec, 1978). "Intellectual Life in the Periphery: a Personal Tale" foi escrito por Simon Schwartzman em homenagem aos 75 anos de Edward Shils e apresentado no XI Congresso Mundial de Sociologia (New Delhi, 1985).

IV

As referências aos trabalhos de Evans-Pritchard e Malinowski são, naturalmente, de *Witchraft, Oracles and Magic among the Azande* (Oxford, 1951) e de *Argonauts of the Western Pacific* (Routledge, 1922) e *Magic, Science and Religion* (Free Press, 1948). A citação é da página 74 do primeiro livro citado. *Ritual and knowledge among the Baktaman* de Fredrik Barth foi publicado em 1975 pela Yale University Press. Paul Ricoeur fala dos "eventos fundadores" no cap. 1 de *O Conflito das Interpretações*, Rio de Janeiro, Imago, 1978 e Max Weber discute o acaso em "A ciência como vocação". A citação do texto é da página 157 de *Ensaios de Sociologia* (Zahar). Informações sobre a carreira acadêmica de Freud estão na biografia escrita por Peter Gay (Companhia das Letras, 1989) especialmente p. 137-140. O *ethos* acadêmico brasileiro foi discutido por Luiz Antonio de Castro Santos em "O Espírito da Aldeia: Vaidade e Orgulho em Gilberto Freyre", *Novos Estudos CEBRAP*, nº 27, p. 45-66, 1990.